

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

**MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA EM FLORIANÓPOLIS:
HISTÓRIAS DE VIDA**

OSNI NOGUEIRA FILHO

Florianópolis, SC
2012

Osni Nogueira Filho

**MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA EM FLORIANÓPOLIS:
HISTÓRIAS DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Assistente Social.

Orientadora: Vania Maria Manfroi

Florianópolis, SC
2012

Nogueira Filho, Osni

Moradores em situação de rua em Florianópolis: histórias de vida [TCC] / Osni Nogueira Filho ;

orientadora, Vania Maria Manfroi - Florianópolis, SC, 2012.

52 p. ; 21cm

TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Departamento de Serviço Social.

Inclui referências

1. Serviço Social. 2. Moradores em situação de rua. 3. Condições de sobrevivência. 4. Rupturas de laços sociais. I. Manfroi, Vania Maria. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Serviço Social. III. Título.

Osni Nogueira Filho

**MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA EM FLORIANÓPOLIS: HISTÓRIAS DE
VIDA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do Título de “Assistente Social”, e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Serviço Social.

Florianópolis, 3 de agosto de 2012.

Banca Examinadora:

Prof.^a Vania Maria Manfroi, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dilceane Carraro, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina

Maicon de Medeiros
Assistente Social

Dedico este trabalho aos meus pais, Elfy Nogueira e Osni Nogueira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Vania Maria Manfroi, pela dedicação na orientação deste trabalho.

Aos meus amigos Patrícia Gonçalves Ribeiro, Jonathan Hintze e Eli Lopes da Silva pelo apoio na realização deste trabalho.

Aos moradores em situação de rua, que aqui figuram com pseudônimos, pela disponibilidade em conceder entrevistas.

Não importa a cidade em que os moradores de rua se encontrem, suas rotinas cotidianas e opções de sobrevivência provavelmente serão afetadas por um clima político que desliza num *continuum* que vai da generosidade à hostilidade.

(SNOW; ANDERSON, 1998, p.159)

RESUMO

Este trabalho apresenta as condições de vida de quatro moradores em situação de rua na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. O objetivo foi conhecer a trajetória e as condições de vida de quatro moradores em situação de rua. Trata-se de uma pesquisa caracterizada metodologicamente como “histórias de vida”, na qual se obteve relatos, via entrevistas semiestruturadas com os sujeitos aqui apresentados. Como referencial teórico foram utilizadas as análises de Snow e Anderson sobre como se dão as rupturas com os laços sociais, bem como a explicação do fenômeno “moradores em situação de rua” apontada por Silva, a partir de suas características principais. Os resultados das análises mostram aspectos que aproximam as condições de vida destes moradores, embora estes vivam em locais distintos na cidade, bem como outros em que divergem na forma como estes levam a vida. As principais conclusões apontam para o fato de que o uso de drogas, principalmente o *crack* é um problema social a ser enfrentado, bem como a falta de políticas públicas que possibilitem a reinserção destes indivíduos na sociedade.

Palavras-chave: Moradores em situação de rua. Condições de sobrevivência. Rupturas de laços sociais.

ABSTRACT

This paper presents the lives of four people living on the streets in the city of Florianopolis, in the state of Santa Catarina. The objective was to understand the trajectory and the living conditions of residents in four homeless. This is a methodological study characterized as “life stories” in which accounts were obtained via semi-structured interviews with the subjects presented here. The analyses of Snow and Anderson concerning how the break from social ties occur were used as theoretical system of references, as well as an explanation of the “living on the streets” phenomenon pointed out by Silva, beginning with its main characteristics. The results of these analyses show aspects that approximate the living conditions of these individuals, although they live in different parts of the city and differ in how they live their lives. The main findings point to the fact that the use of drugs, mainly crack, is a social problem to be faced, as is the lack of public policies to facilitate the reintegration of these individuals into society.

Keywords: Homeless people. Survival conditions. Breaks in social ties.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo dos aspectos de entrecruzamentos das histórias de vida.....	45
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 RUPTURAS DE LAÇOS SOCIAIS	12
2.1 MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA	13
2.2 ESTATÍSTICAS NO BRASIL E EM FLORIANÓPOLIS	19
3 METODOLOGIA	21
3.1 O MÉTODO	21
3.2 COLETA DE DADOS: AS ENTREVISTAS	22
4 MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA: HISTÓRIAS DE VIDA.....	24
4.1 Felipe	24
4.2 Mauro.....	26
4.3 Hercílio	28
4.4 Mafra.....	32
5 ANÁLISE.....	38
5.1 Categorias de análise.....	38
5.2 Histórias que se entrecruzam	41
6 CONCLUSÃO	46
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	51
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	52

1 INTRODUÇÃO

Os moradores em situação de rua constituem um tipo de população que muitas vezes não é contabilizada nos censos do poder público. Mas afinal, quem é esta população? Para Frangella (2004) o morador de rua é aquele que, além de não ter residência, ou pelo menos que não usa a residência que possui, ocupa os diversos espaços públicos da cidade como se fossem sua moradia.

Trata-se de uma categoria que, em função de inúmeras e diversas trajetórias de desvinculação social e econômica, passa a habitar “cantos” da cidade impensáveis ao planejamento urbanístico e ao imaginário coletivo dos cidadãos: as ruas, os espaços vazios embaixo de viadutos, as praças, as calçadas, locais atualmente concebidos como de passagem, esvaziados da produção de sociabilidades urbanas que historicamente os marcavam. (FRANGELLA, 2004, p.12).

Assim, podemos considerar como parte desta população aquelas pessoas que estão vivendo nas ruas, propriamente dito. Favero e Neitsch (2010) apresentaram um estudo¹ no qual encontraram 126 pessoas nesta situação, na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina .

Em Florianópolis há atendimento especializado no Centro Pop para os moradores em situação de rua. De acordo com Brasil (2011, p.6) este tipo de centro “é a unidade pública e estatal, lócus de referência e atendimento especializado à população adulta em situação de rua, no âmbito da Proteção Social Especial de Média Complexidade do SUAS”.

O atendimento pode ser solicitado pelo próprio morador de rua, ou por outras pessoas pelo telefone de número 0800.643.1407. Neste número é possível obter o seguinte atendimento: locomoção em caso de doença, alimentação, higiene pessoal ou vestuário. Entretanto, nem sempre os moradores de rua querem esse atendimento. Favero e Neitsch (2010, p.1) afirmam que “o maior desafio, de acordo com os educadores sociais, é a aceitação, apenas 39% das pessoas de rua querem receber a ajuda [no sentido de atendimento] que é oferecida”.

Moradores de rua muitas vezes recebem atendimento de Organizações Não Governamentais (ONGs) e também de outras entidades, como pessoas oriundas de associações de bairros, movimentos religiosos, entre outros.

A partir do trabalho com moradores em situação de rua no Centro Pop, abre-se espaço para uma pesquisa com estes indivíduos, com os objetivos geral e específicos definidos a seguir.

¹ Levantamento realizado pela autora em março de 2010.

Como objetivo geral deste trabalho, espera-se conhecer a trajetória e as condições de vida de quatro moradores em situação de rua em Florianópolis e apresentar considerações e reflexões acerca de suas condições de vida e a construção histórica de suas trajetórias.

Para o alcance deste objetivo, busca-se descrever as características sociais do grupo de indivíduos pesquisado e suas condições de vida; revelar suas percepções, a partir de suas histórias de vida; levantar aspectos da trajetória de vida: local de nascimento, processo de migração, família e trabalho, relações de grupos.

O interesse do autor para a realização desta pesquisa com moradores em situação de rua surgiu a partir do estágio realizado por este no Centro Pop, no qual o pesquisador passou a ter interesse em conhecer melhor a realidade vivida pelos sujeitos que lá frequentavam. A proposta do trabalho, desde o início, não se trata de abordar a questão do atendimento em si, mas na perspectiva de ouvir as histórias e dar eco à voz destes cidadãos.

2 RUPTURAS DE LAÇOS SOCIAIS

Leal (2011) aborda a questão da exclusão social como resultado de quebra de laços sociais, sendo que este processo acontece pela “perda do reconhecimento de seu lugar na sociedade, seja por si mesmos, seja pelos outros” (LEAL, 2011, p.31). A autora afirma também que as formas de exclusão representam sempre uma ruptura de laços sociais.

Demo (2003) citado por Leal (2011) trata da exclusão como sendo uma inclusão nas margens do sistema. Para o autor, “contingentes populacionais cada vez maiores são lançados (expulsos e integrados) na margem do sistema, não porque sejam supérfluos, mas porque precisam ser ‘descartados’” (DEMO, 2003, p.85 apud LEAL, 2011, p.19). Além disto “a marginalidade não é a marca do fracasso da integração; pelo contrário, ela lhe é útil e, por vezes, necessária” (LEAL, 2011, p.54). Neste sentido, a própria exclusão pode ser pensada como mecanismo de uma integração da sociedade como um todo.

Mas, quanto à exclusão social propriamente dita, Leal (2011) traz diferentes autores que discutem a polissemia do termo “exclusão social” e aquela definição que ela usou de Pedro Demo é uma delas. Entretanto, apesar de controverso, o termo tem um ponto de convergência que pode ser assim formulado:

Trata-se de impedimentos a níveis aceitáveis de participação na sociedade (no caso, capitalista), pela ausência de trabalho estável, pela impossibilidade de acesso a bens materiais e simbólicos, aos serviços, a estatutos reconhecidos e a poderes de intervenção sobre o próprio destino. (LEAL, 2011, p.20).

O afastamento do mercado de trabalho é um fator importante que pode conduzir à exclusão social, visto que o indivíduo que depende dele para sua sobrevivência, tem a perda de seu poder aquisitivo e, de certa forma, fica fora daquilo que o sistema capitalista tende a fornecer de conforto, sustentação, entre outras coisas. Entretanto, como apontado por Demo (2002), não é somente isto:

A exclusão não se esgota no afastamento do mercado de trabalho, mas ganha significação tanto mais drástica no processo de destruição de valores integrativos tradicionais, atingindo os patamares da precariedade marcada pela não-pertença e impotência (DEMO, 2002, p.21).

Esta situação de não-pertença apontada por Demo (2002) é também apontada por Leal (2011). A autora faz uma análise da definição de exclusão por autores franceses e aponta que, em comum entre os autores, está a exclusão como quebra ou ruptura dos laços sociais. Assim, não se trata de uma exclusão, mas de várias formas de exclusão, visto que são várias as rupturas dos laços sociais que acontecem neste processo.

As várias formas de exclusão representam sempre a ruptura de um laço social: no caso de desemprego e pobreza, a ruptura do laço econômico; no caso de exclusões de instituições normativas, ruptura dos laços institucionais. Significam também ruptura do laço simbólico, ou seja, do laço de adesão que liga os atores sociais aos valores da sociedade à qual pertencem. (LEAL, 2011, p.32).

Por outro lado, uma questão para a qual se pode chamar a atenção é o fato de que este sentimento de não-pertença (para usar o termo de Pedro Demo), ou a exclusão de grupos ou mesmo vários ao mesmo tempo (como aponta Leal), pode significar a inclusão em outro grupo que comunga mais ou menos as mesmas (im)possibilidades de existência. Queremos dizer com isto que, a não-pertença a outros grupos sociais pode significar um pertencimento aos indivíduos em situação de rua, que podem compartilhar dos mesmos problemas, mesmas angústias e, de alguma forma, estarem juntos formando um novo grupo, dando a eles uma situação de pertencimento. Como exemplo deste novo pertencimento, poderíamos citar o exemplo dado por Paugam (1996) citado por Leal (2011) sobre os filhos de imigrantes que vivem nos subúrbios franceses:

[...] não se trata de “novos pobres”, mas de pessoas que manifestam seus problemas de integração (também o desemprego, além das dificuldades no ingresso nas melhores universidades e as experiências de discriminação) de forma violenta, queimando carros, quebrando vidros de lojas, usando de uma violência que não se dirige a um ponto preciso nem busca uma contrapartida, mas chama a atenção para a sua existência. (LEAL, 2011, p.51).

Os indivíduos em situação de rua constituem, assim, um grupo à parte e mesmo que não se possa determinar características que homogeneizem o grupo como tal, eles constituem um mundo à parte, comungando problemas que perpassam por todos, como falta de local para dormir (o desabrigo), falta de comida, discriminação por parte da sociedade em geral, entre outros problemas. Isto é o que Paugam (2003) chama de condição social objetiva.

Na verdade, nem sempre é fácil afirmar sua diferença. Cada indivíduo é “preso” numa rede de relações sociais com outros indivíduos que compartilham a mesma condição social objetiva. Ele não pode se excluir totalmente do grupo ao qual pertence, e sua margem de autonomia é, conseqüentemente, limitada. (PAUGAM, 2003, p.258).

Por este motivo, neste trabalho, uma das perspectivas de entendimento das narrativas dos sujeitos entrevistados é através daquilo que não apenas os diferencia, mas também dos aspectos que são comuns nas quatro entrevistas.

2.1 MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA

Este trabalho considera o termo “moradores em situação de rua”², ou mesmo população em situação de rua no mesmo sentido dado por Silva (2009) quando esta afirma que a expressão é:

Considerada a mais apropriada para designar uma situação ou condição social que não resulta apenas de fatores subjetivos vinculados à sociedade e à condição humana, como é comumente considerada, mas é uma situação ou condição social produzida pela sociedade capitalista, no processo de acumulação de capital. (SILVA, 2009, p.29).

Embora a definição usada pela autora carregue o peso da vinculação do termo ao sistema capitalista, as considerações apresentadas neste trabalho não possuem este caráter visto que, conforme argumentar-se-á, principalmente pelas motivações que levam um cidadão a morar nas ruas apontadas por Snow e Anderson (1998), que a pobreza, um dos efeitos da sociedade capitalista, não é o único fator que leva as pessoas a morar nas ruas.

Os documentos governamentais que tratam das políticas públicas dão preferência para o uso do termo “moradores em situação de rua” (BRASIL, 2009; BRASIL, 2011), ao invés do termo “moradores de rua”. O decreto número 7.053 de 23 de dezembro de 2009, que institui a política nacional para a população em situação de rua faz, inclusive, uma referência ao conceito de “população em situação de rua”. Neste documento, o parágrafo único do artigo primeiro afirma:

Para fins deste Decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009).

Silva (2009) caracteriza o fenômeno “moradores em situação de rua” em seis aspectos: o primeiro deles são as múltiplas determinações. Isto significa que uma multiplicidade de fatores conduzem à situação de rua. Entre estas situações estão aquelas estruturais, como a ausência de moradia, a falta de renda, entre outros. Também existem os fatores ligados à história de vida (biográficos), como as rupturas com vínculos familiares, as doenças mentais e, por fim, fatores como desastres naturais. De qualquer forma, “certo é que o fenômeno não se explica a partir de um único determinante. Entretanto, existem fatores que se destacam no conjunto dessas determinações” (SILVA, 2009, p.105).

² Em alguns momentos será usada a expressão “morador de rua”, ao invés de morador em situação de rua, sempre que o autor citado mantiver a preferência pela primeira expressão.

O segundo é a visão do fenômeno como expressão radical da questão social na contemporaneidade. Neste caso, Netto (2004, p.43) apud Silva (2009, p. 110) afirma que “foi a partir da perspectiva efetiva de uma eversão da ordem burguesa que o pauperismo designou-se como ‘questão social’”. Desta forma, há uma vinculação da questão social à ordem capitalista e a pobreza é de certa maneira, sendo vista como também uma manifestação da questão social.

A terceira característica apontada por Silva (2009) é a localização nos grandes centros urbanos: são áreas que favorecem a moradia nas ruas em função das atividades comerciais que atraem várias pessoas. Sendo assim, há uma facilidade para obtenção de doações, ou até mesmo o exercício de atividades informais, como é o caso de flanelinhas (guardadores de carros), venda de mercadorias em semáforos ou, até mesmo, a prestação de serviços, como no caso de engraxates.

Uma quarta característica é o preconceito, considerado aí como marca do grau de dignidade ou valor moral que as pessoas da sociedade atribuem às pessoas atingidas por este fenômeno. Há também um conjunto de denominações pejorativas associadas aos moradores de rua, entre elas expressões do tipo “mendigos”, “vagabundos”, “maloqueiros”, “desocupados”, “vadios” e tantos outros apelidos.

A quinta característica são as particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. Decorrem de hábitos, características culturais ou geográficas (locais que ocupam), tempo de permanência nas ruas, forma usada por estes indivíduos para sua subsistência.

A sexta é a naturalização do fenômeno. Neste caso vem acompanhada da falta de políticas sociais capazes de reduzir pobreza e desigualdades, sem perspectiva de ampliar a cidadania. Também faltam dados e informações sobre o fenômeno que acaba sendo visto como natural na sociedade contemporânea, ou como algo que deve ser amenizado e controlado, ou até mesmo como sendo produto da sociedade capitalista.

Snow e Anderson (1998) fizeram um estudo etnográfico acerca da subcultura nas ruas do Texas, nos Estados Unidos, no qual destacaram rotinas diárias, estratégias e lutas pela sobrevivência material, social e psicológica do povo da rua.

A partir deste estudo, mostraram que a quebra dos laços sociais pode ter como causa diversos fatores que, como apontam Snow e Anderson (1998), podem vir desde problemas com álcool, a brigas familiares, doença mental, entre outros fatores. Estes autores apontam como caminho para o entendimento de como se dão estes rompimentos com os laços sociais,

a partir de quatro categorias de análise: **voluntarista, deficiências ou patologias, ausência de apoio familiar, azar**³.

Primeiro, “a explicação voluntarista sustenta que as pessoas estão na rua em grande parte por escolha” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.404). Embora esta situação possa ser encontrada entre os moradores em situação de rua, uma pesquisa de LaGory et al (1989, p.14) apud Snow e Anderson (1998) apontou que, nos Estados Unidos, apenas 3% da população pesquisada se enquadrava nesta categoria. Entretanto, os autores chamam a atenção ao fato de que dizer apenas que a situação de rua é uma questão de escolha sem fazer uma análise da forma como esta escolha foi feita, pode ser uma estratégia de culpar a vítima. Neste sentido, Ryan (1971) citado por Snow e Anderson (1998, p. 407) argumenta que “culpar a vítima é o processo pelo qual os indivíduos que sofrem um destino particular são culpados pela situação que se encontram”.

Estes autores argumentam que a explicação voluntarista tem um cunho político e afirmam, inclusive, que há uma citação do ex-presidente americano Ronald Reagan, em 1984, que dizia que as pessoas que estavam dormindo nas ruas, o faziam por escolha própria. Entretanto, esta não é uma realidade apontada pelos próprios moradores em situação de rua, pois:

Quando nos voltamos para os próprios moradores de rua, entretanto, encontramos pouco apoio a essa explicação voluntarista. Não é uma das razões preferidas ou frequentemente articuladas que os moradores de rua dão para estar nas ruas. [...] menos de 3% de todas as razões dadas se encaixaram nessa categoria. (SNOW; ANDERSON, 1998, p.405).

Snow e Anderson (1998) afirmam que, ainda que os índices de moradores que afirmam estar nas ruas por vontade própria fossem maiores, eles têm dúvidas sobre a veracidade desta informação, pois, segundo estes autores, os relatos poderiam ser produtos subculturais, visto que os entrevistados acabam por ter um certo nível de aceitação da situação.

Há ainda que se considerar a seguinte questão: mesmo que os moradores em situação de rua declarem ter feito escolhas por esta vida, existem muitos casos em que esta escolha foi na verdade uma determinação da situação na qual o sujeito se encontrava, o que, no fundo, acaba não configurando como sendo uma escolha. Neste sentido, como afirmam Snow e Anderson (1998, p.407) “o desabrigo pode, de fato, ser uma questão da assim chamada

³ Embora a tradução tenha sido azar, entende-se que o azar pode ser tratado neste trabalho como sinônimo de infortúnio, termo mais apropriado para esta condição na língua portuguesa.

‘escolha’ para algumas pessoas, mas talvez apenas quando as poucas alternativas disponíveis não são mais palatáveis que a vida nas ruas”.

Em segundo lugar, as deficiências ou patologias. Nesta categoria podem ser incluídas, entre outras, “doença mental, alcoolismo e vício de drogas, saúde física ruim e antecedentes de comportamento criminoso” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.407-408). Os argumentos para que estes indivíduos sejam mais suscetíveis ao que os autores chamam de desabrigo, se deslocam para o fato de que eles possuem menos condições de negociar moradia e trabalho. Na perspectiva destes autores, uma pessoa não se torna morador de rua tão simplesmente em função do uso do álcool ou das drogas, mas pela perda da paciência de seus familiares e amigos. O desabrigo é considerado “um estilo de vida caracterizado sobretudo pela ausência de moradia convencional permanente” (SNOW; ANDERSON, 1998, p. 23).

Uma questão a ser levada em consideração, segundo os autores, é a noção de quando os sujeitos pesquisados passaram a ter algum tipo de patologia ou deficiência: antes ou depois de ir parar nas ruas. Muitos dos indivíduos relatam deficiências que foram na verdade adquiridas depois da ida para as ruas e, neste caso, não se pode considerar que a situação de desabrigo tenha sido provocada por tal. “A questão imediata, entretanto, não é se os moradores de rua são mais incapacitados que a população adulta domiciliada, mas se essas deficiências precedem o início da situação de desabrigo” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.410).

Há ainda que se considerar que “muitos dos comportamentos e comunicações considerados como sintomáticos de deficiência podem ser melhor compreendidos como adaptações comportamentais e psicológicas às situações difíceis e penosas da vida de rua” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.411). Por outro lado, isto não significa dizer que o caminho para as ruas não seja provocado por deficiências preexistentes. Existem os casos, por exemplo, de indivíduos que passaram a ter o alcoolismo fora de controle e, com isto, romperam seus laços familiares. Existem também os casos daqueles que apresentam visivelmente transtornos mentais.

Na terceira categoria, a ausência de apoio familiar, apresenta-se, pois, uma questão: “que tipos de contextos ou relações familiares intensificam a perspectiva de desabrigo?” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.413). Neste aspecto, cabe destacar, conforme apresentado por Snow e Anderson (1998), três aspectos diferentes que podem configurar esta falta de apoio: um deles é que os moradores de rua simplesmente esgotaram suas famílias; outro é o fato de haver famílias que se apresentam, elas mesmas, como problemáticas e o terceiro é quando há ausência de apoio familiar, que na verdade nunca existiu na vida do indivíduo.

Segundo os autores, no primeiro aspecto desta categoria, muitos dos indivíduos se tornaram tão problemáticos, ou mesmo dispendiosos para suas famílias que resultou na exclusão deles. Em relação ao segundo aspecto da falta de apoio, pode-se citar os casos em que as famílias se tornaram elas mesmas disfuncionais e abusivas com seus sujeitos. Já em relação à terceira perspectiva, Snow e Anderson (1998) apontam que pode haver graus variados de falta de apoio. Além disto, muitos dos sujeitos vítimas desta situação apresentam comportamentos explosivos nos quais essas “explosões hostis eram em grande parte reações defensivas e sentimentos genuínos de rejeição por parte dos pais.” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.415). Há ainda, enquadradas nestes casos, aquelas situações de casamentos naufragados e situações nas quais os indivíduos não conseguem apoio da família quando desempregados, com falta de dinheiro ou com corte de benefícios. Vários destes sujeitos, segundo os autores, antes de ir parar nas ruas, estiveram em unidades de cuidado institucional justamente em função de instabilidade familiar.

Entretanto, nem sempre a situação de desabrigo é resultado de disfunção familiar, pois:

Um terço dos moradores de rua com quem discutimos as razões da sua situação mencionaram fatores familiares e alguns mantinham contato bastante amigáveis com suas famílias. [...] Muitos dos moradores de rua que não tinham boas relações com suas famílias telefonavam ou escreviam para elas pelo menos ocasionalmente. (SNOW; ANDERSON, 1998, p.422).

Na quarta categoria, a do azar, há basicamente, no argumento de Snow e Anderson (1998), duas proposições: aquelas nas quais o azar tem fundamento estrutural, tais como o encerramento das atividades da empresa onde o indivíduo trabalhava ou mesmo uma mudança econômica drástica. A outra se concentra no azar como problemas mais específicos ou individuais, tais como acidente de trabalho, acidente de automóvel, entre outros. A explicação pelo fator azar, embora possa não ser aceita por alguns, não pode ser ignorada, pois:

Invocar o azar como um fator que contribui no processo pelo qual as pessoas se tornam moradores de rua parece surpreendentemente incongruente com o pensamento causal das ciências sociais, com sua ênfase em processos racionais e modelos causais bem definidos. [...] Contudo, descartar o azar como um determinante da situação de desabrigo é não apenas ignorar o que alguns dos moradores de rua nos contam, mas é também passar por cima de experiências reais que nos ajudam a determinar o caminho ou trajetória na qual alguns indivíduos se encontram. (SNOW; ANDERSON, 1998, p.425).

Todas as pessoas, em algum momento, podem sofrer algum tipo de azar. Entretanto, os efeitos do azar, dependendo do ocorrido e das circunstâncias, não são os mesmos para indivíduos que se encontram em situações diferentes. “O que explica a diferença? Por que

alguns indivíduos são mais vulneráveis a golpes de azar do que outros?” (SNOW; ANDERSON, 1998, p.426). Para os autores, enquanto algumas pessoas possuem mecanismos para enfrentar o azar, outros se encontram em situações tão vulneráveis que não suportam algumas situações trazidas pelos azar⁴, visto que já estão de alguma forma fragilizados, muitas vezes, pela condição econômica.

2.2 ESTATÍSTICAS NO BRASIL E EM FLORIANÓPOLIS

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome encomendou, em 2008, ao instituto Meta de pesquisa, um censo sobre os moradores de rua. Foram coletados dados de 71 municípios no Brasil, entre eles, a cidade de Florianópolis (BRASIL, 2008).

Dados gerais do relatório resultante desta pesquisa apontaram que 35,5% dos entrevistados foram parar nas ruas por problemas com alcoolismo ou drogas, enquanto 29,8% por desemprego e 29,1% por rompimento de relações familiares (BRASIL, 2008).

Dos 31.922 indivíduos que foram entrevistados, a pesquisa mostrou que 48,4% estão há mais de dois anos nas ruas ou dormindo em albergue. Outro dado que vale destacar diz respeito ao deslocamento destes indivíduos: “Dos que já moraram em outra(s) cidade(s), 60,1% não dormiam na rua ou em albergue na cidade anterior. Dos que já moraram em outra(s) cidade(s), 45,3% se deslocaram em função da procura de oportunidades de trabalho” (BRASIL, 2008, p.8).

O relatório apontou ainda que 24,8% dos entrevistados não possuem qualquer tipo de documentação, sendo este, segundo a pesquisa, um dos motivos pelos quais o indivíduo não consegue trabalho fixo.

Com base em algumas propostas do poder público em atender a população em situação de rua, tais como o Plano Municipal de Atenção à População em Situação de Rua de Florianópolis e o decreto 7.053/2009 (BRASIL, 2009) que cria a política nacional para população de rua, Florianópolis conta com o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop).

Nos atendimentos realizados pelo Centro Pop, em relação ao perfil dos moradores em situação de rua em Florianópolis, os dados registrados no ano de 2011 contabilizam um total de 2.244 atendimentos⁵. Os dados apontam que quase 60% dos atendimentos são de sujeitos

⁴ Os autores utilizam o termo azar com sentido de acaso.

⁵ Este total de atendimentos não corresponde ao número de moradores em situação de rua, visto que um mesmo morador pode ser atendido várias vezes.

nascidos em Santa Catarina, e cerca de 40% de outros estados do Brasil. Em relação ao gênero, 12,13% são do sexo feminino, enquanto 87,87% masculino. Sobre as idades destes indivíduos, 72% possuem entre 20 e 40 anos. Os indivíduos atendidos são indagados acerca de dependência química e 87,07% deles se declararam dependentes químicos.

3 METODOLOGIA

3.1 O MÉTODO

Investigar vivências ou experiências de indivíduos, a partir das narrativas destes, é um trabalho que requer acuidade por parte do investigador. Há que se ter o cuidado de não ferir sentimentos ou intimidar aquele que narra. O método de pesquisa para este fim é a história de vida.

Para Laville e Dionne (1999, p.158) este tipo de pesquisa “batizada de *história* ou *narrativa de vida*, pode ser definida como a narração, por uma pessoa, de sua experiência vivida. Esta narração é autobiográfica, uma vez que é a própria personagem que a constrói e a produz”. Gonçalves e Lisboa (2007) lembram que os pesquisadores que trabalham com história oral na Alemanha preferem o termo “biografia” e “trajetória de vida”.

Faleiros (2001, p.75) *apud* Gonçalves e Lisboa (2007, p.88) diz que “[...] as representações que indivíduos e grupos fazem de si mesmos depende das crenças, valores e referências culturais que se adotam no cotidiano”. Portanto, este método de pesquisa, permite entender a formação da identidade do indivíduo.

O caminho percorrido quanto à descrição da relação do observador com o observado, no uso das histórias de vida, permite colocar, em novos termos, a questão de sua identidade respectiva, da alteridade, mas também do estatuto do saber de cada um, tanto é que seu projeto não é o mesmo. (HOULE, 2010, p.321).

A questão da formação da identidade do indivíduo do qual se busca a história de vida vai ser narrada por este, com a ajuda das indagações que o pesquisador pode fazer durante os procedimentos de coleta de dados, tais como a entrevista.

A entrevista, no caso desta pesquisa, se dará por meio de entrevista não diretiva. Neste tipo de coleta de dados, “o entrevistador não formula perguntas, apenas sugere o tema geral em estudo e leva o entrevistado a um processo de reflexão sobre esse tema” (RICHARDSON et al, 2009, p.210).

Para Michelat (1982, p. 192) a entrevista não diretiva “tem o objetivo de contornar certos cerceamentos das entrevistas por questionários com perguntas fechadas que representam o polo extremo da diretividade”. Ainda, segundo o autor, este tipo de entrevista permite um nível mais profundo de informações para o pesquisador, visto que o pesquisado tem um grau maior de liberdade.

É importante que o pesquisador, neste caso, tenha o cuidado de não dirigir o entrevistado, mas guiá-lo à medida que a entrevista transcorre.

3.2 COLETA DE DADOS: AS ENTREVISTAS

Concordando com Richardson et al (2009), quando este sugere que o pesquisador não formula perguntas, mas sugere temas e com Michelat (1982) quanto à liberdade do pesquisador, sendo que este não precisa se ater a um questionário fechado para este tipo de pesquisa que aqui se propõe, a coleta de dados tem, neste trabalho, um formato de coleta não direta.

O roteiro de entrevistas toma como base uma questão norteadora. A partir desta questão, dependendo da resposta do entrevistado, outras questões são apresentadas ao sujeito para que ele dê continuidade ao seu depoimento.

Esta questão norteadora, que abre a conversa, é a seguinte:

- Como você veio parar nas ruas?

No depoimento do sujeito em resposta a esta questão norteadora, procurar-se-á identificar se a ida do sujeito para as ruas se deu em virtude de uma das categorias de análise apontadas por Snow e Anderson (1998) que são a **voluntarista, deficiências ou patologias, ausência de apoio familiar, azar**, ou mesmo se não se enquadra em nenhuma delas e outras categorias poderiam surgir a partir dos relatos.

A partir das narrativas dos quatro sujeitos entrevistados, serão analisados de que forma as histórias destes sujeitos se entrecruzam em relação aos seis aspectos que caracterizam o fenômeno “moradores em situação de rua”, apontados por Silva (2009): suas múltiplas determinações; o fenômeno como manifestação da questão social; localização nos grandes centros urbanos; preconceito; territórios; naturalização do fenômeno. Com base nesta análise, apresenta-se no trabalho uma comparação destes aspectos e a condição de vida dos entrevistados.

Os outros questionamentos apresentados ao sujeito da pesquisa dirão respeito aos laços sociais tais como: a relação familiar, as relações com colegas ou amigos (antes e depois da ida para a rua) e as relações sociais em geral. Estas indagações têm como objetivo identificar como ocorrem as rupturas com laços sociais, como apontado por Leal (2011).

Com base nisto, o roteiro das entrevistas tem um esquema conforme apresentado a seguir, que pode sofrer alterações em função do que o entrevistado relata para o pesquisador:

- Questão norteadora: como você veio parar nas ruas?

- Outras questões:

- fale sobre como foi e como é sua relação com a família;
- fale sobre as amizades que você possuía e não possui mais;
- fale sobre suas atuais amizades;
- comente sobre sua forma de sobrevivência nas ruas;
- comente o que você espera da vida (perspectiva de vida).

A questão norteadora, bem como os demais tópicos da entrevista permitem, entre outros aspectos, averiguar se as deficiências ou patologias precederam a situação de estar nas ruas ou se, pelo contrário, podem ser consequência disto. Sabe-se, entretanto, que nem sempre é possível identificar o que é causa ou consequência.

4 MORADORES EM SITUAÇÃO DE RUA: HISTÓRIAS DE VIDA

Objetivando evitar a identificação dos moradores em situação de rua, optou-se neste trabalho por dar apelidos aos entrevistados, utilizando para tal, os nomes das ruas da região central de Florianópolis, cabe ressaltar que os nomes das ruas não tem qualquer vínculo com o morador em situação de rua. Além disto, os locais citados pelos entrevistados serão omitidos ou substituídos por outros nomes, também para evitar possíveis identificações. Para o primeiro entrevistado, foi escolhido o apelido de Felipe, uma homenagem à rua Felipe Schmidt, uma das principais ruas do centro da capital catarinense. O segundo será aqui tratado por Mauro, uma alusão à avenida Mauro Ramos. Para o terceiro entrevistado o nome Hercílio, com referência à avenida Hercílio Luz. Por fim, o quarto entrevistado será chamado de Mafra lembrando a rua Conselheiro Mafra.

Quando, nos depoimentos, surgirem nomes de pessoas ou lugares, os mesmos serão substituídos por nomes fictícios, com o propósito de evitar que estes jovens sejam identificados por suas redes de relacionamentos ou pelos lugares que frequentam.

4.1 Felipe

Felipe tem 21 anos, está nas ruas há sete anos. É filho adotivo de uma mãe que, segundo ele, é perturbada, pois entre outras coisas, ela quase deu uma facada nele. Felipe alega que sempre teve a liberdade que quis e que isto o “estragou um pouco”. Alega também que a mãe nunca foi de “ficar muito em cima”. Em sua cidade ganhava dinheiro distribuindo panfletos de propaganda e também usava a pensão do marido da mãe adotiva.

Ele saiu de casa, no interior do Estado de Santa Catarina, quando tinha 14 anos. Em seu depoimento ele disse que, na época, possuía uma bicicleta. Um amigo e ele viram outra bicicleta no terreiro de uma casa e resolveram furtar a mesma para que pudessem fazer uma viagem, com o objetivo de chegar a Florianópolis. A viagem foi motivada pelo fato de que ambos tinham como sonho conhecer a capital do estado pois, nos seus relatos, diz que os amigos sempre mencionavam que nesta cidade havia muita liberdade, era uma cidade grande e a droga que lá no interior custava R\$ 5,00, em Florianópolis saía por R\$ 3,00. Ele se referia à maconha.

Felipe e o amigo viajaram de sua cidade natal, situada no meio-oeste de Santa Catarina, para outra cidade do estado, com um percurso de cerca de 120 km, utilizando como meio de transporte as bicicletas.

Nesta segunda cidade, venderam as bicicletas, pegaram uma carona até uma cidade litorânea que fica a 280 Km de distância desta segunda cidade. Desta cidade, viajaram, novamente de carona, para uma cidade litorânea do estado, próxima 70 Km de Florianópolis. Através de mais uma carona, chegaram à capital catarinense.

Em Florianópolis o amigo de Felipe foi preso por furto. Embora ambos já estivessem morando nas ruas, ele acabou ficando sozinho. Na ocasião Felipe conheceu alguém – do qual preferiu não identificar no depoimento – e a partir disto ficou morando ora na rua, ora na casa desta pessoa. Segundo ele, nesta época já havia usado o *crack*. Felipe conta que ficou um período nestes 7 anos no qual esteve fora das ruas, com esta pessoa que o ajudava, da qual ele não quis falar muito, ou melhor, praticamente não falou. Mas afirma que chegou a ter uma moto, adquirida com dinheiro de seu trabalho, em uma empresa de metalurgia. Foi flagrado, pela polícia, no bairro Lagoa da Conceição, em Florianópolis, com o farol da moto quebrado e documento estava rasgado. Seu relato diz que isto foi motivo de apreensão do veículo que o motivou a voltar a usar *crack* – ele falou em recaída. Finaliza esta parte do seu depoimento dizendo: “Daí que eu fui parar na rua mesmo. Tive outras recaídas, mas sempre que perdia algo.”

Felipe afirma que está há mais de um ano sem contato com a mãe adotiva. Os pais biológicos ele não conhece e os irmãos de sangue, a última vez que viu foi quando tinha 9 anos. Ele afirma que as amizades que tinha na sua cidade natal eram colegas de colégio com os quais ainda tem contato quando volta para lá.

Para Felipe em Florianópolis existem amigos verdadeiros que ele possui nas ruas, com os quais divide o pão, cobertor e a droga. Diz também que, apesar disto, tem muitas amizades de má influência, como colegas que roubam. Ele mesmo não tem delitos.

Sobre a alimentação, ele utiliza o Centro Pop e, muitas vezes, pede comida em restaurantes nos quais as pessoas já o conhecem. Ele afirma que nas padarias ele “vai e pega”. Para comprar drogas e outras coisas que ele usa, pede para as pessoas nas ruas, como esmola e algumas vezes empurra carrinhos na rodoviária. Seu local de dormir é em frente a uma padaria, no centro da cidade. Neste local ele consegue ganhar pão quando acorda. Passa em outra, ganha café, passa em outra para obter mais coisas para comer e assim vai levando o dia.

Felipe tem uma filha de 5 meses de idade concebida de uma relação casual com uma mulher que mora em uma cidade da região metropolitana de Florianópolis. Segundo o entrevistado ele consegue ver a filha esporadicamente. Entretanto, a última vez que a viu não teve coragem de pegar, pois ele se encontrava todo sujo e sob efeito de drogas.

Perguntado sobre suas expectativas de vida, afirmou que espera obter um trabalho, conseguir recuperar seus documentos, inclusive carteira de motorista. Além disto, diz: “Penso em construir uma família, aliás, já tenho uma, penso em conquistar esta família. É só dar um passo”.

É usuário de *crack*. Diz que quando usa, caso esteja com dinheiro, consegue consumir de 7 a 8 pedras. Ele fez uma afirmação que “se eu quiser uso muito droga, só pedindo dinheiro”.

No final do depoimento contou que em uma certa ocasião, em uma abordagem da polícia militar, os policiais colocaram droga (maconha) em sua roupa para que ele fosse acusado e, conversando com os policiais, conseguiu convencê-los a desistir da detenção.

Para ele é preciso tomar cuidado na rua com a violência. Já aconteceu de ter sofrido agressão, pois pularam nele. Entretanto, diz que nunca aconteceu de tomar uma facada ou algo parecido.

Para tomar banho vai até o Centro Pop, embora não faça isto de forma diária. Sobre a saúde diz que este tempo que ficou na rua nunca precisou de médico. Ele se vê incluído na sociedade porque tem muitas pessoas que o ajudam, mas que tem muita gente que não o vê como membro da sociedade, mas ele diz saber que faz parte da sociedade. Para Felipe “quando eu estou na minha casa eu sobrevivo”, referindo-se ao fato de quando tem a oportunidade de ir até sua cidade natal e encontrar sua mãe adotiva. Por outro lado, diz que “eu me acostumei na rua”. Nas idas para sua cidade, para ganhar dinheiro ele trabalha como “chapa”⁶ e diz que é um bom dinheiro já que consegue entre R\$ 100,00 e R\$ 150,00 por semana.

Questionado sobre o serviço de assistência social recebido no Centro Pop, ele afirma que é sempre bem atendido e que acha que as assistentes sociais sempre fazem o que estão ao alcance delas para ajudá-lo. Para ele muitas vezes elas são mal compreendidas pelos colegas dele – usuários do Centro Pop – por causa da falta de recurso.

4.2 Mauro

Mauro tem 29 anos. Ele é proveniente do interior do estado do Paraná. Trabalhava com corte de cana em sua cidade natal. Afirma que recebia o salário de R\$ 5,00 a R\$ 6,00 por dia neste trabalho nos canaviais, além de colher mandioca e serviços gerais de roça. Segundo

⁶ Chapa é um termo popular utilizado para designar os sujeitos que ficam à beira da estrada à espera de caminhoneiros, com objetivo de ajudar em carga e descarga.

ele, seu irmão sempre dizia que na cidade de Florianópolis recebia cerca de R\$ 100,00 por dia com venda de queijo quente nas praias da ilha.

Morava com sua mãe e irmãos. Diz ser o filho que mais ficava próximo à mãe e julgava ser muito bom viver com a família. Conta que havia brigas normais de família. Saía para passear com a mãe. O dinheiro era pouco, mas para o arroz e feijão não faltava.

Narra ele que em sua cidade “todo mundo conhece todo mundo” e completa “na minha cidade não existe drogas, só maconha”. As outras drogas, como *crack* e cocaína somente em cidades próximas.

Há cerca de três anos, ele tinha um acerto de contas para receber, proveniente do corte da cana e, além disto, acabara com um relacionamento amoroso. Com o recebimento do acerto preferiu usar o dinheiro para mudar-se para Florianópolis, com o objetivo de conhecer a cidade e também procurar emprego para se estabelecer nela. Fez a viagem de ônibus do interior do Paraná até Florianópolis. Foi morar em uma quitinete no bairro de Canasvieiras, situado na região norte da cidade. Chegou a trabalhar com venda de queijo quente, juntamente com seu irmão, nesta região de praias. Neste lugar é que afirma ter se envolvido no mundo das drogas, pois conheceu “más companhias” e, em seu relato, foi parar nas ruas por causa das drogas. Conta que não tem o costume de roubar, pois sempre procurou trabalhar. Entretanto, diz que começou a faltar ao trabalho devido ao uso de drogas e acabou perdendo o emprego.

Ele pede dinheiro nas ruas dizendo para as pessoas que é para comprar comida mas, na maioria das vezes, utiliza o dinheiro para comprar drogas.

Está sem contato com a família e diz que sua mãe não tem conhecimento de sua estadia nas ruas, pois ela sabe somente que ele se encontra em Florianópolis, não em quais condições. Afirma que “se eu voltasse para minha mãe seria tudo, sou o xodó da minha mãe”. Para sua mãe, ele era o filho que não tinha dado decepção, mas atualmente é “a decepção”.

Para Mauro as amizades em Florianópolis são poucas. A maioria é de usuários de drogas e nem todos são moradores em situação de rua. Conta que tem amigos que nem sabem que ele usa drogas. Hoje em dia usa maconha e *crack*. No dia da entrevista contou que na noite anterior consumiu R\$ 150,00 com drogas.

Interrogado sobre como consegue alimentação diariamente, contou que pede em restaurantes as sobras de final de expediente e a maioria deles fornece. Boa parte das vezes vai no mesmo lugar para pedir comida.

Em relação ao local de dormir, às vezes utiliza o terminal de ônibus do centro de Florianópolis, outras vezes fica nas praças públicas embora afirme que dorme pouco. “Usuário dorme pouco, apaga” ele diz. Há algum tempo dormia em um casarão abandonado

no centro e que atualmente foi transformado em um estacionamento, o que o impede de continuar utilizando o local para este fim. Por isto ele foi para um local mais próximo ao morro onde se vende drogas.

Quando questionado sobre como é a violência na cidade ele diz “eu corro dela, quando vejo bagunça eu saio de perto”. Afirma já ter sido agredido uma vez por um usuário de drogas e em outro momento por um traficante, mesmo não devendo nada a este traficante, segundo seu depoimento. Mauro diz que comete alguns furtos, mas nunca à mão armada. Faz isto para trocar o produto furtado por drogas no morro.

Disse que espera da vida que alguém invente uma injeção que “esqueça tudo isso, essa merda ‘tá’ no sangue” se referindo ao vício no *crack*. Conta ainda que “não me dá mais nada, não dá mais efeito”. Conta que olha as pessoas usando e dá nojo mas que “como ‘tá’ no sangue, a gente sente falta”.

Afirma que tem vontade de abraçar a mãe, o irmão e a família. Perguntando sobre o que o impede de voltar para a família, diz que são as drogas. Acredita que a pessoa pode até abandonar as drogas, mas que, uma hora ou outra terá uma recaída ou seja, acha que não há recuperação.

Ele foi perguntado, na entrevista, sobre a assistência social que recebe. Disse que “eu nem vinha mais aqui, eu sou tihoso. Vim pedir um pão e não me deram, pois já tinha passado dez minutos do horário.” Conta que presenciou uma pessoa que chegou ao Centro Pop sem camisa, por ter sido furtada nas ruas e que também não foi atendido porque tinha passado do horário de atendimento e, com isto, foi orientado a retornar no dia seguinte.

4.3 Hercílio

Hercílio tem 26 anos. Mudou-se da região metropolitana de Porto Alegre para Florianópolis no ano de 2011. Em sua cidade estudou até o segundo ano do ensino médio. Conta que decidiu mudar-se para a capital catarinense porque havia brigado com a noiva e também com o seu padrasto. No seu depoimento, em alguns momentos chama o padrasto de pai.

O padrasto tem uma empreiteira. Hercílio conta que trabalhava com o pai/padrasto, cuidando “da parte dos peões, da parte da obra”. Um dia o pai ficou devendo uma quantia para ele. Sua intenção era receber o dinheiro, e com a moto que possuía fazer a compra de um automóvel. Ele estava nesta expectativa porque, inclusive, pretendia se casar no natal do ano de 2011. O pai comprou uma caminhonete e não o pagou. Com isto “eu pirei” ele disse. Em

uma festa de família que eles sempre faziam, conta que “tomei umas caipiras e fiquei macho, aí briguei com ele, mas assim, só discussão mesmo”. Resolveu deixar o pai sem sua ajuda, mesmo sabendo que havia seis casas sendo construídas todas elas em locais diferentes. Comprou uma passagem para Florianópolis no período de verão, com o objetivo de passar o final de semana e conhecer as praias.

Chegando à Florianópolis, próximo ao natal de 2011, conseguiu um trabalho em restaurante no centro da cidade e resolveu não voltar.

Ele conta que a relação com a família era “show de bola, a gente se entendia bem”. Disse que, como toda família, há sempre uma ou outra discussão de vez em quando. Mas, até então, sempre aprendeu a ceder um pouco. Afirma sempre ter tido problemas com drogas, desde os 12 anos de idade. Começou usando maconha. “Era maconha, mas foi indo, foi indo...”. Se envolveu com uma “turma da pesada e virei um aviãozinho do tráfico... aí comecei a usar cocaína e logo logo já caí no *crack*”. Esta turma efetuava roubos e ele era responsável por guardar as armas, coletes, a partilha do dinheiro. Também buscava as drogas, cigarros e tudo que os traficantes precisavam, pois eles não saiam para buscar. Com isto, tinha acesso a drogas, armas e dinheiro mas sem autorização para usar. Conta que, de certa forma, até agradece por isto, pois para ele foi bom, visto que eles cuidavam dele como se fosse um filho, pois “até tapa na orelha eu levei por pisar na bola”. Sendo assim, afirma ter a ficha limpa, mas diz que já teve um briga e uma tentativa de homicídio. “O cara tava batendo numa menina grávida. Se a polícia não chegasse eu matava mesmo. Eu não admito o cara bater em mulher. Tanto que os caras deram uns tiros nele mas não mataram. Hoje eu tô mais tranquilo que água de poço.”

“Com minha mãe sempre foi cem por cento”, diz sobre seu relacionamento com a família. Era a mãe que sempre ia até a delegacia quando ele era detido por seu envolvimento com drogas. “Os irmãos são cem por cento. Tenho irmão de 21 anos e uma irmã de 17”. Ambos são filhos de sua mãe com seu padrasto. Diz ter ajudado a criá-los, pois para ele são como filhos, já que não teve filhos.

Hercílio liga semanalmente para sua mãe e “Deus o livre se quando eu ligar para minha mãe ela não passa o telefone para eles” comenta sobre os irmãos. Afirma que sua família sempre diz: “volta, não dá nada”.

Sobre as amizades que tinha na cidade natal afirma que tinha uma vida meio dupla, pois havia amigos na “drogadição”, termo usado por ele e também os amigos de família. “A gente era músico, meu padrasto é gaitero e dos bão”. Conta que aprendeu a tocar gaita e que tocava em festas, principalmente de aniversários, até quatro vezes por semana. Acreditava que

todos gostavam dos músicos e sabiam que ele “era meio doidão”. Por outro lado, tentavam dar a ele palavras de apoio, na tentativa de ajudá-lo a sair das drogas. Mas ele desconversava, mudando de assunto, dizendo “não é comigo esse negócio, deixa quieto”.

Até mesmo o dono do grupo de músicos, que é delegado de polícia, no qual seu padraсто tocava, procurava ajudá-lo “querendo me dar um sermão”. Por outro lado, diz que “era uma xaropice”.

Hercílio diz que seu trabalho atual é ser “mangueio”, termo que usa para designar a atividade de pedinte nas ruas. O único emprego fixo que conseguiu em Florianópolis foi no restaurante. Conta que em sua primeira vez que foi “manguear” conseguiu juntar R\$ 70,00 em vinte minutos. Com isto afirma que botou na cabeça “vou manguear”.

Para ele é suficiente fazer “cara de cachorro que caiu da mudança” para convencer as pessoas a dar dinheiro. Acredita que é a forma de “passar a perna em um e outro”.

Conseguiu alguns trabalhos temporários, como a limpeza de quintal e outras atividades semelhantes. Mas prefere a atividade de pedinte porque é mais rentável e não requer esforço.

Quando chegou a Florianópolis morou um tempo, de favor, em uma casa cedida por um policial que conheceu no restaurante no qual trabalhava, um pouco antes de parar nas ruas. Após sair do emprego, narra que ficou envergonhado de contar ao policial e disse que havia conseguido outra moradia, mas, na verdade foi parar nas ruas. Disse que “fui ficando aqui e ali e acabei morando no viaduto e montei minha jega ali”. Antes de acabar morando no viaduto, morou no bairro Costeira do Pirajubaé, nas ruas e nas pracinhas deste bairro. Ficou um tempo também na rodoviária, após isto foi para o mercado público e, finalmente, neste viaduto.

Lá ninguém vai dormir ao mesmo tempo. Hercílio diz que “é que nem cadeia, faz turno. Assim um respeita o sono do outro e fica tipo de campana”. O objetivo da vigília é que não sejam pegos de surpresa pela polícia ou por outros.

Fala que sente muitas saudades da família e que sua família também tem saudades dele. “Eu já conheço a minha família, eu já conheço a mim mesmo”, conta que, por isto, se for para a sua cidade vai trabalhar e batalhar para a vida melhorar. Além disto, diz que sua noiva está morando em sua antiga casa ainda e que ela é “da igreja”. Estava ele se referindo a uma casa que construiu. Afirma ainda que ela não sairia de lá enquanto ele não voltar.

Por outro lado, diz saber que “mais dias ou menos dias eu vou usar drogas de novo”. Para ele sempre soube separar as coisas, ou seja, sua vida mundana da sua relação familiar, pois, na sua cidade, quando trabalhava, deixava o salário da semana com sua mãe.

Ele acha que se voltar para casa vai ouvir muitos desaforos da antiga noiva. Seu casamento seria cinco dias antes do natal. Acha melhor ficar em Florianópolis porque tem a sensação de que se voltar para casa o pessoal vai cobrar muito dele. Entretanto, como já dissera antes, liga frequentemente para a família.

Sobre os amigos atuais diz que na rua sempre encontra pessoas boas. “Que nem aqui onde eu tô parando [ele se referia ao local onde dorme] é só gaúcho.” Fazem do lugar sua moradia. Conta também que de vez em quando a polícia vai lá e “fecha o pau”, mas que mesmo assim eles insistem em ficar naquele lugar. “As amizades é [sic] assim, a gente chama de irmão. O pior é que é”. Hercílio faz esta afirmação para lembrar que sempre que está com fome pode contar com ajuda dos amigos. Além disto diz que eles sempre repartem tudo na maior educação. Por outro lado, afirma que “na nossa moca só nós que pisemo [sic]... se não for convidado não entra”. Para ele é como na família, pois já que a mesma possui regras, na rua também. Diz que uns não mexem nas coisas dos outros e que há três coisas que não são toleráveis: “X9, talarico e rato de mocó.” O termo X9 por ele utilizado é para se referir àqueles que são “dedo duro”. Já talarico diz respeito àquele que mexe com mulher de outro. E, por último, o rato de mocó é o indivíduo que sempre mexe em coisas dos outros. E ele diz ainda: “e eu acrescento o boca de espera”. É aquele que sempre está esperando tudo, desde uma comida, um baseado para fumar e todo o resto. “Esse é o nosso lema na rua – quem quer tem que ir atrás”.

Nesta relação diz que é como uma família e que quando há problemas todos conversam e “se precisar levar uns tapas, tá valendo”. Ainda assim afirma que não são de violência. “Nosso grupo não”.

Ele afirma ter presenciado várias cenas de violência nas ruas, mas que desde que chegou à cidade de Florianópolis nunca apanhou.

A não ser uma vez que levei um pau da polícia. Tava de bobeira, andando com um cara errado. Até tava trabalhando, juntando umas pedras e botando no saco. O cara ia fazer uma gruta. E chegou [sic] os motoqueiros e mandou [sic] nós dois ajoelhar e por a mão em cima do saco de pedras. E já foi dando porretada. Davam pancadas nas costas. Não me conheciam mas sabiam que aquele rapaz já tinha roubado. Mas eu tava ali junto. O bom cabrito não berra. Apanhei quieto. Depois conversei com os policiais e tudo. Aí o policial disse: ‘tu apanhou porque tá com gente errada, não te conhecemos’.

Hercílio diz que são raras as vezes que vai almoçar no Centro Pop. Alguns dias da semana ele almoça na Assembleia Legislativa. Diz que para isto “boto uma roupinha mais ou menos, faço a barba e vou direto no gabinete de um deputado gente boa”. Diz que conheceu o

deputado um dia que estava pedindo nas ruas e este deputado ofereceu a ele um almoço e, depois disto, o levou até o gabinete.

Além disto, afirma que tem uns restaurantes que já conhece e que vai lá depois do horário de almoço para conseguir comida, pois, “passa fome na rua quem quer”.

Comenta que já assinaram um termo de compromisso com o delegado e “ele até tirou foto nossa”. Ele não explicou o que seria este termo. Afirma que o delegado falou “gurizada, vamos ficar aqui mas mantenham limpo o negócio[...] só não usem drogas na frente da câmara senão embaça para mim, senão o coronel vê nas câmeras e manda limpar isso aí”.

Em relação às drogas diz que às vezes chega a gastar de R\$ 100,00 a R\$ 150,00 por dia com o *crack*.

Sobre o futuro, Hercílio afirma que “planos a gente faz bastante, eu tenho sempre planos, eu to sempre adiando. É que eu to esperando, sei lá, acho que é chegar o verão de novo”. Diz também que tem a intenção de juntar dinheiro para voltar para casa e tocar sua vida lá em sua cidade natal. Ele afirma que somente não volta devido ao fato de guardar mágoa do padrasto, pois acha que foi traído por ele quando o mesmo havia comprado a caminhonete, o que o impediu de comprar um carro. Entretanto, alega que acredita que até o final do ano de 2012 voltará para sua cidade. Em relação a esta volta afirma que “Eu sempre gostei de trabalhar. A minha casa eu construí sozinho. Uma casa de 180m²”. Por outro lado, acredita que se fosse para voltar hoje mesmo, não o faria. Alega que não está preparado e que não descobriu porque veio para Florianópolis e que também não está fortalecido para voltar.

Ele fala que às vezes frequenta uma igreja em Florianópolis, pois é temente a Deus, segundo seu relato. Sobre a situação de estar nas ruas conta que deve tirar algum proveito disto tudo e que “não sei se é dar valor pra mim mesmo, pra minha família, descobrir mais de mim mesmo”.

Em relação ao atendimento que recebe do serviço social no Centro Pop, Hercílio diz que “este lugar é show de bola, muito bom até para conversar; serve como referência. Na minha ideia a prefeitura tinha que dar mais... Tinha que fazer projetos tipo parceria com empresas. Sempre tem alguém que quer oportunidades”.

4.4 Mafra

Mafra tem 31 anos de idade, natural de Florianópolis/SC. Em relação ao início da sua vida, diz que estudou até o segundo ano primário.

Segundo Mafra, ele foi parar nas ruas em razão do uso de drogas. Morava com a família adotiva desde os quatro meses de idade, porque sua família verdadeira não tinha condições de o criar.

O início do uso de drogas foi motivado por curiosidade, levado pelos irmãos: “eu não queria conhecer esse vício, mas fui conhecer através de meus irmãos de criação, eles disseram ‘usa aqui’. Eu tinha 16 anos quando foi isso”.

Quando fui morar nas ruas, diante dos conhecidos, eu ficava com muita vergonha de saber que eu estava realmente morando na rua e tendo uma vida daquela, eu não tinha coragem de olhar nos olhos deles e dizer oi, tchau, bom dia... com vergonha por estar dormindo na rua.

Para Mafra “antes meus amigos era os da rua, próximos da minha casa, os vizinhos, mas a malandragem de rua começou a tomar conta deles e de mim também.” Conta que se meteu em “furadas” e se envolveu com o tráfico de drogas, quando já levou até tiros em função de ajudar traficantes. Por isto, diz que “meus amigos de hoje... é mais a solidão, hoje não tenho aquele prazer de ter um amigo.” E mais: “por ter passado tanta raiva, tanto desgosto, tomei tanto roubo, já me roubaram tanto, hoje eu gosto mais é de andar sozinho, eu me acostumei a levar uma vida sozinho.”

Ele alega que hoje em dia é diferente, pois já não tem mais vergonha de dizer para as pessoas que mora na rua, mesmo quando tem contato com pessoas conhecidas. Disse que já morou em outras cidades, mas em Florianópolis é mais fácil viver porque tem contato com mais pessoas e conhece bem a cidade.

Mafra conta que esta curiosidade foi embasada no fato de que queria saber a reação que teria experimentando droga. Agora que se julga dominado pelas drogas, afirma: “não é um vício, é um prazer, uma doença que nós temos que toda hora tem que ter no sistema [referindo-se ao próprio corpo], mas eu queria ter uma vida digna, tem hora que o cara cansa”.

Mafra começou a usar primeiramente maconha, aos 19 passou a usar cocaína e atualmente está usando maconha e *crack*. Afirma ele que não é dependente a ponto de roubar para sustentar o vício, pois pede dinheiro às pessoas que encontra nas ruas e, para isto, diz saber a pessoa e o momento certos para pedir dinheiro.

Mafra afirma ser soropositivo em relação ao HIV, desde o ano de 2001, ou seja, é portador da AIDS. Ele alega que tem direito de receber benefício da aposentadoria em função da doença: “a minha mais indignação é que eu tenho o direito de receber o benefício [referindo-se à aposentadoria] para poder me aposentar, eu já entrei na perícia e o médico me negou. Essa é a minha indignação.” Em relação a como pegou a doença, alega que:

Eu peguei através do sexo em uma casa de passagem. Quem cuidava de mim era o Dr. Geraldino um juiz, então eu não sabia, mas o monitor disse para mim que a Marcelinha era soropositiva, aí... eu já tinha transado com ela. Não tá assim na cara que a pessoa é soropositiva e hoje ela está forte pra caramba e eu já cai duas vezes no hospital, duas vezes ela já me derrubou e ela está que é um touro.

Em relação à família biológica, Mafra diz não possuir o amor do pai nem da mãe, alegando ainda que ela [a mãe] o odeia, sem mencionar o motivo. Ele conta que às vezes vai até à casa dela e a ouve dizer: “nem vem aqui na cozinha, eu não quero nada contigo, fosse criado por aquela família lá, não fica me chamando de mãe”. Para ele “isso me corta”. Em seu depoimento afirma que gostaria de conhecê-la melhor, mas que não é possível, pois ela não permite a aproximação. Sobre o pai, ao contrário, diz que ele é uma pessoa boa de coração. “meu pai [biológico] é diferente, ele tem um coração de mãe e pai, ele é muito bom, eu vejo ele chorar, minha mãe não.”

Mafra conta que seu pai adotivo afirma para a mãe biológica que já gastou muito com ele. Mesmo sem ser questionado, disse no depoimento: “sabe o que meu pai [adotivo] falou pra ela [mãe biológica] quando eu era pequeno? Se você me pagar os 3000 que eu gastei com ele você pode levar”.

Ele afirma que apanhava do pai e dos nove irmãos quando era pequeno. No seu depoimento alega que o pai era muito rígido, mas muito mal e que fez os filhos crescerem com rancor. O pai batia por motivos fúteis: “às vezes eu saía com ele para pintar, aí eu pintava, lixava errado aí ele pah pah pah ‘isso é pra você aprender’ e realmente... eu analisei... eu sei pintar, sei fazer massa corrida, grafitado... tais entendendo, eu só não tenho oportunidade”

A mãe adotiva mora em Florianópolis. Ele alega que gostaria de passar uns dias com eles, mas se sente discriminado. Ele diz: “Sou meio discriminado”. A minha sobrinha disse: ‘o tio Edevaldo disse que você não é meu tio, você é adotivo’, realmente não é minha família.”

Mafra acredita que seu irmão coloca seus sobrinhos contra ele e, mesmo aqueles que não demonstram discriminação em sua frente, por trás esta discriminação acontece. Ele não soube e não foi interrogado na entrevista sobre como isto se dá.

Ele disse já ter saído das ruas para morar em quitinete, mas não se recorda quando. Só lembra que na época dividiu aluguel com “amigos” e que, por não ter dado certo, voltou para as ruas e sabe dizer apenas, em relação a isto, que faz muito tempo.

Atualmente dorme em frente a um hospital onde trabalhou há algum tempo como flanelinha.

Mafra diz ter trabalhado também com jardinagem, serviços gerais, limpeza de vidros, todos estes serviços depois de ir para as ruas. Quando foi parar nas ruas, se envolveu com o tráfico de drogas.

Eu era olheiro nas bocas de drogas e às vezes eu era mula, então eu comecei a ser muito dependente dessa coisa química e aí parei. Eu senti que a coisa ia feder mesmo, que os homens iam bater e eu disparei, tirei o time de campo, não, não vale a pena porque já estou aqui com HIV e ainda mais com essa doença na cadeia, o que vai ser de mim.

A partir deste depoimento, Mafra contou como começou sua vida nas ruas em relação aos trabalhos que conseguia. Depois disto, teve a oportunidade de atuar como flanelinha em frente a um hospital, onde alega dormir hoje em dia. Entretanto, parou de trabalhar lá porque teve desavenças, as quais não diz como foram.

Conta também que “aí os cara lá, o Dr. Jesuino e o Dr. Alfredo começaram a avacalhar dizendo para não dar mais dinheiro, mais coisas, porque eu andei entregando um lance deles lá, que eles estavam desviando remédio da farmácia..”

As pessoas olham pra gente achando que o cara é um bandido, um marginal, um drogado, morador de rua... ou o que vai fazer ou que deixa de fazer..essa é a realidade, tais entendendo [...] o povo diz não dê esmola mas dê objetivo, mas vê o cara e vem com duas pedras na mão achando que o cara vai pegar ou vai espancar eles. Por causa de uns todos pagam.

Com este relato ele introduz alguns pensamentos sobre como é a vida nas ruas e como faz para conseguir alimentação. Aliás, sobre alimentação, ele diz que as refeições são bem “cautelosas”, termo que ele utiliza provavelmente com o sentido de que são bastante “regradas”, pois quando afirma isto conclui que em alguns dias tem alimentos e em outros não.

Mafra diz que para comer pede nas ruas e que vai em qualquer lugar para pedir e conclui: “eu tenho meus canal onde faço minha boquinha”. No depoimento ele não foi perguntado sobre quais “canais” seriam estes, pois ele já continuou a conversa dizendo que hoje em dia usa mais a maconha e o *crack* e que, para comprar drogas usa o dinheiro que obtém quando pede alegando que é para comida.

Ele foi perguntado como vê a violência nas ruas e com ele. Começou então dizendo que “eu já não mexo com ninguém pra ninguém tirar onda comigo. Faço o máximo para não

me incomodar com a pessoa.” Questionado se já sofreu alguma violência nas ruas, Mafra comenta que já sofreu violência:

Eu estava dormindo e botaram uma chave de fenda no meu pescoço, eu tentei correr atrás do cara, mas não consegui pegar ele, eu estava dormindo no meu mocó o cara chegou e me espetou, quando senti, acordei, tentei pegar ele mas não vi quem era, só vi que era um cabeludo.

Disse que já agrediu pessoas por “coisas pequenas” como por vaga em estacionamento, quando trabalhava como flanelinha, mas alega que não vale a pena.

Mafra descobriu que estava contaminado pelo vírus HIV quando tinha 16 anos e foi doar sangue no Hemosc e, na ocasião, o assistente social disse a ele que seu sangue deu resultado positivo no teste, época em que ele ainda morava com sua família adotiva.

Em relação à doença, afirma que: “Nos primeiros tempos eu tive uma discriminação com a família de criação, mas agora não está tanto, porque eles tem noção de como pega e não pega, antes eles falavam pra cuidar com o copo, o café, o talher...”.

Conta que por causa disso não tem muito vontade de ter contato com as pessoas e sempre que pode evitar algum contato ele evita.

Mafra alega que atualmente está com uma amizade com um senhor do qual ele frequenta a casa, pois faz serviço de jardinagem para esta pessoa e “ele me deixa por dentro de casa, eu como, almoço, janto, tomo banho e ainda às vezes ele me dá 50, 100 reais para eu fazer a jardinagem para ele.”

Na semana em que deu este depoimento, disse que voltaria lá na casa deste senhor para pintar o muro, a pedido dele. Conta que iniciou a amizade com uma pequena mentira em relação a sua origem, mas depois desmentiu e falou a verdade: “disse que eu era de Tubarão e aí minha consciência pesou e eu falei a verdade pra ele”. Contou que é daqui de Florianópolis mesmo e que está morando nas ruas. “Eu vi que ele é uma pessoa muito querida, ele já me levou no consultório pra ver a minha vista, aí o cara queria pagar a cirurgia para fazer no meu olho, só que eu fiquei com medo e não fiz.”

Disse que este senhor é uma boa pessoa. Neste momento do depoimento, aproveitando para falar do tratamento digno que recebeu dele, se lembra da forma como as pessoas tratam os animais e começa a questionar: “eu vejo os cara tratando cachorro igual a gente, isso tá errado. Eles deixam uma pessoa passar fome para dar para um animal, isso tá errado o que eles estão fazendo. Estão trocando o animal pelo ser humano”.

Em relação ao tratamento que recebe no Centro Pop disse que não tem muito que falar, pois quase não pede apoio lá, mas quando vai recebe pão, café e toma banho. Neste momento do depoimento lembra novamente do benefício da aposentadoria e diz: “eu tenho direito do benefício, sou revoltado com isso, eu também tenho direito, eu vejo um monte de pessoas aposentadas que não estão nem doentes... eu tenho todo remédio aqui comigo”.

5 ANÁLISE

A análise das entrevistas tem dois propósitos principais, sendo o primeiro deles um comparativo com as quatro categorias de análise dos rompimentos dos laços sociais propostas por Snow e Anderson (1998): voluntarista, deficiências ou patologias, ausência de apoio familiar, azar (ou infortúnio). O segundo é uma descrição das condições de vida nas ruas, proporcionada pelas ricas narrativas que foram obtidas pelos entrevistados. Acredita-se que estas narrativas apontam vários problemas de vida social nas ruas, bem como dá visibilidade a estes indivíduos que, na maioria das vezes, não são vistos como pessoas, como se não estivessem lá. Por este motivo, optou-se por dividir este capítulo nos tópicos “Categorias de análise” e “Vida nas ruas”.

5.1 Categorias de análise

Nas entrevistas com os quatro moradores em situação de rua, pode-se verificar que há caso, como o de Mafra, que não é possível vincular a motivação para a saída para as ruas em uma única categoria apenas, mas que elas se combinam.

Tomando como base o caso do Felipe, seu depoimento deixa claro que ele não tinha boa relação familiar. Por outro lado, não se pode dizer que a “ausência de apoio familiar”, para usar os termos de Snow e Anderson (1998) foi o único ou mesmo o principal aspecto que motivou sua saída de casa. No momento em que ele diz que “pegou uma bicicleta” e se pôs nas ruas com destino a Florianópolis, junto com um amigo, já houve um rompimento que não foi necessariamente o que o levou para as ruas. Pelo fato de que ao chegar a Florianópolis, não tendo local para morar, ficou habitando de favor com uma pessoa e, ora ficava na casa dela, ora ficava nas ruas, tem-se nesta situação uma característica de “voluntarista”.

Mauro já viveu uma situação diferente. Viajou de sua cidade natal para Florianópolis, onde teve a oportunidade, no início de sua estadia na capital catarinense, de trabalhar com venda de queijo quente na praia, em auxílio ao seu irmão. Embora ele já fosse usuário de drogas antes de sua mudança para Florianópolis, foi nesta cidade que conheceu, segundo ele “más companhias” com as quais passou a usar drogas nesta cidade e, em função disto, largou o trabalho que fazia com o irmão e foi para as ruas. Neste caso, sua ida para as ruas se deu por “deficiências ou patologias” o que, para Snow e Anderson (1998) incluem na mesma o vício em drogas.

Hercílio é proveniente de outro estado e chegou à Florianópolis com o objetivo inicial de passar apenas um final de semana. Como seu relato demonstrou que, embora ele tenha

conseguido uma moradia na casa de um policial, de onde ele saiu porque, como contou, ficou envergonhado de dizer que teria saído do emprego, resolveu morar nas ruas. Trata-se novamente de um caso que pode ser entendido como “voluntarista”. Após perder o emprego ele fez a opção de morar nas ruas, pois seu depoimento mostra que, em nenhum momento, o policial que o ajudou dando uma moradia havia pedido para que ele saísse. Foi sua opção, visto que não pretendia, por vergonha, dizer ao policial que tinha saído do emprego.

Mafra tem um histórico de “ausência de apoio familiar”, pois, como se viu em seu depoimento, apesar de ter citado as drogas como motivação para sair de casa, ele tinha desavenças com sua família adotiva e, quando visitava a mãe biológica, também se sentia recusado por esta. Aos 16 anos descobriu que era soropositivo em relação ao HIV. Além dos problemas que já enfrentava com relação à ausência de apoio familiar, passou a se sentir discriminado pelos membros da família em razão da doença. Foi quando começou a usar drogas. Tem-se configurado aí uma situação de “deficiências ou patologias” que, em conjunto com a ausência de apoio familiar pode caracterizar o seu caso em relação às categorias de análise propostas por Snow e Anderson (1998).

Resumindo, em relação às quatro entrevistas, tem-se a seguinte situação comparativa dos entrevistados com as categorias de análise propostas por Snow e Anderson (1998): Felipe (voluntariado), Mauro (deficiências ou patologias), Hercílio (voluntariado) e Mafra (ausência de apoio familiar e deficiências ou patologias).

Independente dos casos em que houve a categorização de “deficiências ou patologias” (uso de drogas), na situação de todos os quatro entrevistados, pode-se perceber que o uso de drogas já era um hábito antes mesmo deles terem ido parar nas ruas.

Tomando como base os seis aspectos que caracterizam o fenômeno “moradores em situação de rua” narrados por Silva (2009) e as quatro entrevistas realizadas, pode-se fazer a análise seguinte.

Em relação ao primeiro aspecto, as múltiplas determinações, pode-se dizer que todos os quatro estão em situação de ausência de moradia. Nem todos, entretanto, estão na condição de uma ruptura familiar total, pois, no caso de Hercílio, este liga para a mãe toda semana. Todos estão vivendo uma condição de falta de renda. A análise de Silva (2009) considera moradores em situação de rua pessoas que têm emprego informal, como flanelinhas, pessoas que ganham a vida em sinal de trânsito, catadores de material, entre outros. Entretanto, no caso dos entrevistados neste trabalho, nenhum deles se enquadra nesta condição de trabalhadores informais, porque todos estão nas ruas sem atividade de subsistência.

Sobre o segundo aspecto, que vê o fenômeno como manifestação da questão social, o que pode ser observado na situação dos quatro entrevistados é que, embora sua maioria venha de condição de pobreza, não foi esta que determinou a ida para as ruas. Tem-se, por exemplo, o caso de Hercílio, cujo pai tem uma empreiteira e este resolveu mudar-se para Florianópolis, onde acabou indo parar nas ruas, mesmo com a opção de viver em sua cidade natal, com relativo conforto, se comparado a sua situação atual.

No que diz respeito ao fenômeno como localizado em grandes centros urbanos, esta é uma característica que pode ser observada nas narrativas de todos os entrevistados. É fato que para todos é mais fácil sobreviver em grandes centros, como o caso de Florianópolis. Nesta cidade, como apresentado em seus relatos, eles conseguem alimentação de forma fácil, com pedido em restaurantes, normalmente após o expediente de almoço; conseguem lanches em padarias e obtém dinheiro como pedinte nas ruas.

O quarto aspecto, do preconceito, o relato de Maфра deixou bem claro esta condição, quando este disse que as pessoas olham para eles (moradores em situação de rua) como se fossem bandidos, drogados, marginais.

O quinto aspecto, da questão territorial, todos eles se encontram de forma similar, visto que são moradores que vivem nas ruas, não exercem atividade informal para sobreviver, vivem como pedintes e são todos usuários de drogas. Silva (2009) destaca a questão da territorialidade como variada em função de que suas análises partem do pressuposto que moradores em situação de rua abrangem um grupo mais variado, onde se enquadram flanelinhas, camelôs e outros indivíduos. Nesta pesquisa, os quatro entrevistados, estão na mesma situação, ou seja, vivem nas ruas sem exercícios de qualquer atividade, seja ela formal ou informal, diferente das análises de Silva (2009).

Em relação ao sexto aspecto, a naturalização do fenômeno, não apenas os depoimentos destes indivíduos, mas a própria realidade em que vivem, deixam claro que é difícil uma perspectiva para a saída das ruas, em razão de não haver políticas sociais que permitam esta saída. A naturalização reside no fato de que não há um olhar da sociedade para estes indivíduos como cidadãos de direitos e, em função disto, já que eles por si mesmos não conseguem deixar a situação de rua, acabam não encontrando possibilidades de melhorar suas condições de sobrevivência. O que existe na prática são apoios para alimentação, higiene e vestuário, que não estende-se sequer para o abrigo, nem para a melhoria das condições de vida destes sujeitos.

5.2 Histórias que se entrecruzam

Embora os quatro entrevistados possuam histórias de vida que em muitos pontos apresentam características que os aproximam, não se pode perder de vista a singularidade individual de cada história, pois a partir disto, é possível alcançar o social. Nesse sentido, apresenta-se aqui estes entrecruzamentos sob a forma de temáticas que permitem fazer estas aproximações.

Em um primeiro momento, pode-se estabelecer como temática as idades, distâncias, transporte e motivação da vinda para Florianópolis desses indivíduos. Somente Mafra com 31 anos é natural de Florianópolis. Felipe com 21 anos morava a uma distância de 470 quilômetros de Florianópolis e foi parar na capital catarinense motivado pela curiosidade, trajeto que fez em parte de bicicleta, em parte de carona. Mauro, 29 anos, nasceu em outro estado, em uma cidade a cerca de 600 km de Florianópolis, viajou para Florianópolis de ônibus motivado pela oportunidade de trabalhar na cidade com o irmão. Hercílio, 26 anos de idade, também proveniente de outro estado, viajou, de ônibus, cerca de 450 quilômetros até Florianópolis motivado por um desentendimento com o padrasto.

Uma temática que apresenta bastante similaridade nos quatro depoimentos é a alimentação. Felipe alimenta-se algumas vezes no Centro Pop e em outras pede comida nos restaurantes onde conhece as pessoas. Mauro também pede em restaurantes e afirma que é mais fácil conseguir sobras em final de expediente e, além disso, muitas vezes vai no mesmo lugar. Hercílio conta que raramente almoça no Centro Pop e, assim como Mauro diz que é mais fácil conseguir comida após o almoço. Um ponto interessante em sua narrativa é quando ele afirma que na rua “passa fome quem quer”. Já Mafra, não cita restaurantes, mas afirma categoricamente que “eu tenho meus canal onde faço minha boquinha”. O que difere seu depoimento de Hercílio, enquanto esse último afirma que na rua passa fome quem quer, Mafra já alega que tem dias que consegue alimentos e outros não.

Uma temática recorrente nas quatro narrativas, diz respeito ao uso de drogas. Todos eles atualmente são usuários de *crack* e maconha.

Sobre expectativas futuras Felipe, sonha em obter trabalho e recuperar seus documentos, além de construir uma família. Alega que para isso é só dar um passo, mas ele não sabe dizer qual.

Mauro já diz que tem vontade de abraçar mãe e irmãos. Ele alega que as drogas são o impedimento dele voltar para a família, embora não se possa afirmar categoricamente, talvez este seja o motivo da manutenção de todos os quatro entrevistados nas ruas. Hercílio, embora

afirma fazer planos, não soube dizer quais, além de comentar que está sempre adiando esses planos. Uma expectativa sua, é juntar dinheiro para voltar para casa. Mafra, por outro lado, não traça expectativas futuras.

Vivendo nas ruas, estes sujeitos não estão sozinhos. Sobre seus relacionamentos e amizades cada um apresenta suas considerações que, em alguns momentos divergem como, por exemplo nos casos em que o indivíduo considera que é melhor estar sozinho e em outros convergem no sentido de apontar para algum grau de amizade destes sujeitos com demais moradores em situação de rua. Felipe afirma possuir amigos verdadeiros nas ruas e considera assim aqueles com quem divide pão, cobertor e droga. Além disto, possui uma filha com uma pessoa com quem teve relacionamento, após estar nas ruas, que consegue ver esporadicamente. Para Hercílio amigos são aqueles com quem divide o mesmo local de dormir, que são os mesmos com quem pode contar em momentos de fome. Mafra, embora afirme que seus amigos de hoje “é mais a solidão”, em outro ponto do depoimento que considera como amigo um senhor que o convida para fazer pequenos trabalhos em sua residência, pessoa esta que quis ajudá-lo inclusive com um tratamento cirúrgico. Mauro, por outro lado, considera que as amizades na rua são poucas, embora não diga quais e relata que conhece usuários de drogas que não são moradores em situação de rua.

Um questionamento realizado na entrevista com todos eles foi sobre como veem a assistência social que recebem. Felipe diz ser sempre bem atendido no centro Pop e diz que as assistentes sociais são mal compreendidas por seus colegas, porque às vezes faltam recursos. Embora sua afirmação encerre nestes aspectos e não se possa fazer inferências acerca do que ele pensou quando disse estas palavras, muito há que se pensar sobre o não dito nesta entrevista, que pode ter muito mais a analisar que aquilo que foi dito. Ficam as dúvidas: O que ele quis dizer que as assistentes sociais são mal compreendidas por seus colegas de rua? Qual o significado da falta de recursos para ele e para os demais? Bem, nestes aspectos, permanecem as dúvidas e, neste trabalho, é possível apenas deixar ecoar as narrativas destes sujeitos. Hercílio, com sua afirmação que o Centro Pop é “show de bola”, deixa claro sua satisfação quanto ao atendimento, mas também não deixa escapar que talvez se possa ir além do que é realizado quando alega que a prefeitura poderia dar mais. Mafra diz menos ainda sobre o atendimento, pois quase não vai lá. Já Mauro faz algumas críticas sobre horários, pois já deixou de comer por ter chegado 10 minutos após o encerramento do café, embora o centro estivesse ainda aberto e lamenta o caso de um colega que pediu uma camisa, mas não recebeu, pois deveria voltar no expediente do dia seguinte. Embora a motivação deste trabalho não seja fazer uma análise da do atendimento recebido pelos moradores em situação de rua, fica a

sugestão para trabalhos futuros uma audição destes indivíduos sobre suas necessidades, dificuldades e expectativas em relação à assistência social que recebem ou que poderiam receber.

Em relação ao contato com familiares, Felipe está há mais de um ano sem falar com sua mãe adotiva. Hercílio, ao contrário, afirma telefonar semanalmente para sua mãe e, além disto, aproveita a ligação para falar com os irmãos, embora declare que se voltar para casa vai receber muita cobrança deles. Mafra tem sua mãe adotiva em Florianópolis mas não a visita porque se sente discriminado, sobretudo pelos demais parentes. Já para Mauro, embora tenha vontade de abraçar a família, acha que as drogas são um empecilho para seu retorno e nada diz sobre contatos que possui com os familiares. Estes depoimentos revelam um aspecto importante de ser analisado sobre as relações destes sujeitos com as famílias, pois nem sempre, como muitos poderiam pensar, são pessoas que estão totalmente desprovidas de vínculos com seus parentes.

Outro aspecto na análise das entrevistas é sobre o local no qual estes indivíduos dormem. Felipe dorme em frente a uma padaria, no centro da cidade. Hercílio divide espaço com colegas no viaduto. Mafra usa a entrada de um hospital onde já trabalhou como flanelinha e Mauro que dormia em um casarão abandonado que foi transformado em estacionamento, atualmente dorme perto de ponto de drogas, no morro. Em seus relatos, nenhum deles afirma dormir em abrigos, albergues ou outro local onde pudessem receber algum tipo de assistência.

Sobre a obtenção de dinheiro, seja para comprar drogas ou para comer, todos eles afirmam pedir nas ruas, embora Felipe diga também conseguir dinheiro quando vai a sua cidade natal e faz trabalhos como chapa. O que difere em seus relatos é a forma como o fazem ou mesmo a maneira como veem esta situação. Hercílio, por exemplo, chama esta atividade de pedir dinheiro nas ruas de “manguear”. Diz que “mangueia” para sobreviver, mas que, de vez em quando, consegue fazer bicos limpando quintal. Algo que merece destaque em seu relato está no fato de alegar ser suficiente fazer “cara de cachorro que caiu da mudança” para que as pessoas tenham piedade e deem dinheiro. Mafra considera que é preciso saber as pessoas certas a quem pedir e também o momento certo, embora não tenha informado sobre o que seriam estas pessoas e momentos e, talvez, se possa concluir que é uma espécie de “feeling” (sentimento) do pedinte.

Todos foram questionados sobre a violência: como veem ou se sofreram algum tipo de violência. Felipe diz que uma vez “pularam” nele mas que, por outro lado, nunca tomou facada ou algo parecido. Hercílio apanhou uma vez da polícia como resultado de estar, na

ocasião, com as pessoas “erradas” e que nunca presenciou cenas de violência nas ruas. Mafra já brigou por coisa que considera pequena, como vaga de estacionamento, quando atuava como flanelinha. Mauro foi agredido por usuário de drogas e também por traficantes e diz que sempre que vê brigas procurar correr delas.

Estas narrativas se entrecruzam mostrando convergências em vários aspectos, mas também algumas divergências em outros. Dentre os aspectos convergentes nos relatos pode-se dizer que a forma de obter dinheiro, como eles veem a violência, os locais escolhidos para dormir e a como veem a assistência social que recebem são muito próximos em todos os depoimentos. Todos são pedintes nas ruas, embora um ou outro encontre forma alternativa, mas não substitutiva. Pelo que pode ser percebido nas entrevistas, eles não são violentos e procuram fugir de qualquer tipo de violência. Dormem nas ruas, embora em locais distintos, mas ninguém tem alternativa como albergues ou outros locais. Sobre a visão da assistência social, apesar de aparecer relatos do tipo “show de bola”, há sempre alguns questionamentos, sobretudo nas entrelinhas dos seus depoimentos, que demonstra uma carência de um acesso maior a Política de Assistência Social maior.

Os aspectos que apresentaram maior divergência dentre os quatro entrevistados foram, principalmente, as amizades e contatos com familiares. Enquanto há relatos em que há sujeitos que se sentem mais solitários e preferem viver assim, o oposto também acontece, pois há aqueles que consideram que as pessoas com quem divide o local de dormir ou mesmo a comida podem ser vistos como verdadeiros amigos. Sobre o contato com familiares também encontram-se situações bem distintas nos relatos destes indivíduos. Se, por um lado, tem aqueles que ainda fazem contato com a família e, casos em que isto acontece semanalmente, existe também caso de desligamento total destes laços familiares.

O resumo dos aspectos destes entrecruzamentos pode ser visualizado no quadro 1.

Quadro 1 – Resumo dos aspectos de entrecruzamentos das histórias de vida

ASPECTOS	NOME			
	Felipe	Mauro	Hercílio	Mafra
Idade	21 anos	29 anos	26 anos	31 anos
Distância aproximada da cidade de origem até Florianópolis	470 Km	600 Km	450 Km	0 Km
Motivação para ida para as ruas	Voluntariado	Deficiências ou patologias	Voluntariado	Deficiências ou patologias e falta de apoio familiar
Alimentação	Pedinte em restaurante / Centro Pop	Pedinte em restaurantes	Pedinte em restaurantes	Pedinte em restaurantes
Uso de drogas	<i>Crack</i> / maconha	<i>Crack</i> / maconha	<i>Crack</i> / maconha	<i>Crack</i> / maconha
Expectativas futuras	Obter trabalho Recuperar documentos Constituir família	Encontrar a família	Retornar para casa (não sabe quando)	Sem expectativas
Violência	Sofreu pequenas agressões	Sofreu pequenas agressões	Sofreu pequenas agressões	Sofreu tentativa de assassinato
Onde dorme	Em frente a uma padaria	Próximo a ponto de drogas no morro	viaduto	Em frente a um hospital
Contato com familiares	Não tem	Não tem	Semanalmente	Esporadicamente
Principal forma de obter dinheiro	Pedinte	Pedinte	Pedinte	Pedinte / Serviços de limpeza de quintal
Amizades	Amigos de rua	Amigos de rua e pessoas que não são moradores em situação de rua	Amigos de rua	Solitário
Assistência social	Não conhece bem, mas apresenta pequenos questionamentos	Não conhece bem, mas apresenta pequenos questionamentos	Não conhece bem, mas apresenta pequenos questionamentos	Não conhece bem, mas apresenta pequenos questionamentos

Fonte: elaborado pelo autor.

6 CONCLUSÃO

A vida nas ruas está aí, os seres invisíveis não são mais tão invisíveis aos olhos do Serviço Social, aos olhos das pessoas que têm um olhar diferenciado para este problema como é o caso das pessoas que acolheram os entrevistados. Interessante perceber também a questão das regras que existem nas ruas. Assim como nas casas, nas famílias, as ruas também precisam de regras e se não são cumpridas, há punição. A vida nas ruas é a cidade gritando que há algo errado, que precisamos olhar ao redor e observarmos de forma mais real o que pulsa e o que nos incomoda.

As narrativas dos quatro sujeitos entrevistados mostram um lado perverso da exploração do qual são vítimas, uma forma de manifestação da questão social proveniente da sociedade capitalista em que vivemos e que os atinge de maneira bruta: a exploração pelo uso de drogas. Todos são dependentes do *crack* e, em razão disto, além de precisar de dinheiro para sua própria subsistência, precisam dele também para sustentar o vício. A dependência química é, senão o único, um fator preponderante na dificuldade de resgate destes indivíduos das ruas e do retorno dos mesmos ao convívio familiar. Como se pode ver em um dos depoimentos de um dos entrevistados quando afirma que tenta voltar para a família, mas que as drogas não deixam.

Um fator comum nos depoimentos é a falta de perspectiva futura. Nenhum deles vislumbra uma forma de sair das ruas, embora em um dos relatos o indivíduo tenha afirmado possuir planos futuros, mas não soube dizer quais.

A falta de políticas sociais que permita o resgate da cidadania destes sujeitos é evidente, não apenas nos depoimentos, como na própria história de vida deles. O apoio que conseguem obter dá conta da alimentação, higiene pessoal (como o banho), mas longe de apresentar a eles uma perspectiva de obtenção de trabalho, de apoio psicológico, de formação escolar ou de alternativas que os resgatem das ruas em direção a uma vida mais digna.

Em alguns casos, como pode ser visto, indivíduos estão nas ruas, mas ainda possuem vínculo familiar. Se a assistência social que recebem conseguisse ir além do assistencialismo imediato, talvez estes indivíduos pudessem conseguir apoio não apenas para o reestabelecimento dos vínculos familiares, mas para a continuidade da vida com seus parentes.

Como perspectiva de trabalhos futuros, este trabalho apresenta uma realidade que requer um aprofundamento da realidade em que estes sujeitos se encontram, com vistas a criar

políticas de assistência social que possam dar o mínimo de condições para estes indivíduos reconstruírem a vida, vislumbrando possibilidade de formação escolar, trabalho, moradia, alimentação, conquistados por eles mesmos com ajuda de programas sociais que possam reestabelecer seus direitos ou conquistas como cidadãos brasileiros que são.

Um aspecto que chama a atenção é a vinda de sujeitos na expectativa de encontrar uma espécie de “cidade maravilhosa”, talvez em função do *marketing* que se faz da cidade, sobretudo no que diz respeito à qualidade de vida aqui existente, belas praias, além de se constituir um grande centro urbano. Depoimentos apontaram, por exemplo, no caso de Felipe, que em Florianópolis se consegue droga mais fácil e mais barato. Outras narrativas mostraram por exemplo o aspecto de que seria possível ganhar dinheiro com trabalho nas praias, como foi o caso de Mauro, que veio para vender queijos com seu irmão, durante o período de verão. Há também o caso da atração pela beleza da cidade, como Hercílio, que mudou-se para Florianópolis, após uma estada que seria temporária.

O relato de um dos indivíduos, Hercílio, deixou claro como estes sujeitos são julgados pela polícia, pelo simples fato de estar nas ruas. Quando ele afirma que sofreu violência policial porque estava na rua com outro indivíduo – embora não cabe neste momento julgar a veracidade dos fatos – seu depoimento mostrou que o medo da polícia, em função de como podem ser julgados, é um constante entre esta população. Embora não tenha sido esta a sua afirmativa, poder-se-ia dizer que nenhum policial pede documento a um *playboy* em frente a um *shopping center* ou a uma boate agitada na cidade, mas pede a um morador de rua que esteja pelos cantos procurando local para dormir.

Em relação à política nacional de moradores em situação de rua, prevista principalmente no documento “Orientações Sobre o Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua e Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua”, o que pode ser observado, no caso dos quatro entrevistados e, de maneira mais forte no depoimento de um deles, é que esta política está longe de ser totalmente implementada. Quando usuários questionam que receber um café, higiene pessoal e almoço é pouco, porque poderia ser ofertado mais, eles não apenas tem razão no depoimento, como estão, de forma inconsciente (já que não conhecem o documento), gritando por socorro em relação a necessidade de implantação de políticas previstas naquelas orientações nacionais que possibilitem, por exemplo: construção de novos projetos de vida; acolhida na rede socioassistencial; preservação de sua dignidade e autonomia; reinserção familiar e comunitária entre outros aspectos que estão previstos em âmbito nacional.

Esta pesquisa, com histórias de vida de sujeitos que se encontram nas ruas, sem perspectivas de um futuro, mergulhados no mundo das drogas, principalmente o *crack*, além de apontar problemas, traz questionamentos para a Política de Assistência Social no Brasil e, especialmente, em Florianópolis: Como retirar estes sujeitos do mundo das drogas? Como resgatar a dignidade destes indivíduos? Como implantar uma efetiva política social que vá ao encontro das orientações previstas no documento nacional de orientação para os Centros de Referência?

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília, DF: MDS, 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2012.
- BRASIL. Casa Civil. **Decreto 7.053/2009**. Brasília, DF: Casa Civil, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 22 abr. 2012.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/MDS. **Orientações sobre o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua e Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua**. Brasília, DF: Secretaria de Assistência Social/SNAS, 2011. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protecao-social-especial/populacao-de-rua/perguntas-e-respostas-centro-pop-rua.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2012.
- DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- FAVERO, Cibelly; NEITSCH, Joana. **Perfil demarca a situação de rua em Florianópolis**. (2010). Disponível em: <<http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?pagina=notpagina&menu=4¬i=1637>>. Acesso em: 18 jun. 2012.
- FRANGELLA, Simone Miziara. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p.83-92, 2007.
- HOULE, Gilles. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In: POUPART, Jean et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p.317-334.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LEAL, Giuliana Franco. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais: análise crítica do debate contemporâneo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel J.M. (Org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3.ed. São Paulo: Polis, 1982.
- PAUGAM, Serge. **A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: Cortez, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e população em situações de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SNOW, David A.; ANDERSON, Leon. **Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa para o trabalho de conclusão de curso de Osni Nogueira Filho, com o título provisório “**MORADORES DE RUA EM FLORIANÓPOLIS: HISTÓRIAS DE VIDA**” do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, orientada pela professora Dra. Vania Maria Manfroi.

Declaro estar ciente de que este estudo possui como finalidade a pesquisa, sendo que os dados obtidos serão utilizados no trabalho de conclusão de curso e poderão ser usados em publicações ou eventos científicos, **sem que as pessoas participantes sejam identificadas.**

Declaro, ainda, que estou aceitando voluntariamente a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso e, se desejar, posso desistir da participação do estudo a qualquer momento.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aceitar participar do estudo, assino o mesmo em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em meu poder.

Eu,..... abaixo assinado, declaro através desse termo, meu consentimento em participar da pesquisa.

Assinatura:

Florianópolis,..... de maio de 2012.

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questão norteadora para começar a conversa com o indivíduo:

- Como você veio parar nas ruas?

Após o relato que o sujeito fizer, outras questões são realizadas, à medida que se tenha liberdade para fazê-las:

- fale sobre como foi e como é sua relação com a família;
- fale sobre as amizades que você possuía e não possui mais;
- fale sobre suas atuais amizades;
- comente sobre sua forma de sobrevivência nas ruas;
- comente o que você espera da vida (perspectiva de vida).
- sobre o atendimento no Centro Pop, o que você diz?
- como é a violência nas ruas?